

VICTOR BONINI

Autor de *Colega de quarto*
e *O casamento*

QUANDO ELA

DESAPARECER

“Um livro rápido,
furioso, repleto de
reviravoltas que farão
você se perguntar: ‘o que
foi isso que acabou de
acontecer?’”

A. J. FINN, autor do
best-seller mundial
A Mulher na Janela

DOIS ANOS
ATRÁS ELA
SOBREVIVEU
POR MILAGRE
E AGORA?

FARO
EDITORIAL

VICTOR BONINI

Quando ela desaparecer

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **LUIZA DEL MONACO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **ELISABETH MOCHNER | TREVILLION IMAGES**

Imagens de miolo **DEPOSITPHOTOS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bonini, Victor

Quando ela desaparecer / Victor Bonini. – São Paulo :
Faro Editorial, 2019.

272 p. : il.

ISBN: 978-85-9581-058-7

1. Ficção brasileira 2. Suspense I. Título

19-0001

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira B869.3



1ª edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885. Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br

PRIMEIRAS PALAVRAS

Dedico este livro a quatro pessoas.

Primeiro, a Conrado Bardelli. Sem ele, este livro-reportagem não existiria.

Também ao doutor Charlie Vosperatto, delegado titular da Seccional de Guarulhos, de quem recebi tantas informações sobre um dos inquéritos policiais mais comentados do estado de São Paulo nos últimos anos.

E a meus pais, por formarem quem eu sou. Como eles se esforçaram para isso...

Especialmente meu pai. Ele era do tipo que educava os filhos não apenas por obrigação, mas porque nos via como possíveis grandes pessoas, com os olhos de um artista que se entusiasma com a tela conforme ela vai ganhando formas, cores e se concretizando como uma obra-prima.

Entre tantas frases e ensinamentos, ele costumava dizer que as pessoas só se unem na desgraça. Não me entenda mal: ele nunca foi rabugento. Pelo contrário, era um homem otimista que preferia explorar o ouro de cada um. Foi muito querido, como confirmei entrevistando quem o conheceu. E sábio. Talvez tenha sido esse seu maior pecado — querer pressentir demais, esperar o melhor dos outros, manipular informações achando que tudo no mundo se desdobraria da forma como ele imaginava na sua cabeça extremamente lógica.

Sábios sobrevivem ao tempo. Mas são caçados enquanto vivos.

Incrível pensar na coincidência agora. “As pessoas só se unem na desgraça.” Todos nós, moradores de Guarulhos, sentimos o ditado na

pele, especialmente os que moravam no Parque Cecap. É um bairro com toda a cara de cidade do interior, com moradores que nasceram aqui, vão passar a vida toda aqui e se consideram mais cecapianos do que guarulhenses. Viver aquilo foi muito intenso. Sofremos juntos. Torcemos juntos. Queríamos ao menos o corpo da Kika — a nossa Laura Palmer, a desaparecida da série *Twin Peaks* —, um corpo, com sorte, para que a mãe pudesse organizar o velório e dizer: Adeus.

Foi então que a desgraça não só nos uniu, como espalhou o pânico. E eu, filha do sábio, fui castigada por extensão.

Talvez você se lembre desse caso por causa das notícias de sete anos atrás. Eu era a garota que, na volta da escola, teve a traumática experiência de encontrar o corpo no meio do mato. Primeiro, eu só sabia pensar nas meias molhadas dela e no ovo de chocolate quebrado. Uma garota de dezesseis anos se transforma quando vê o rosto desfigurado de uma colega morta. Mas dane-se eu. Quando os policiais chegaram, eu não pensava em mim. Não pensava em trauma, não pensava nas noites que se seguiriam com aquele rosto ensanguentado me observando ao pé da cama. Naquela hora, eu só conseguia repetir: *Meu Deus, tem um maníaco matando meninas no Cecap.*

Este livro-reportagem é uma homenagem e um atentado contra as *fake news* do caso Kika. Elas rondam a internet ainda hoje. Não à toa. Naqueles dias, foi tudo muito confuso, com informações sobrepostas umas às outras, como se assistíssemos a uma peça com cenas fora de ordem. É isso o que você vai sentir nestas páginas, leitor. A começar pela forma como cada um dos fatos foi sendo noticiado pelos meios de comunicação.

Só peço que, ao longo da história, você não se incomode se eu começar a falar muito do meu ponto de vista ou deixar meus julgamentos poluírem suas opiniões. Sei que uma jornalista deveria preservar certa distância dos fatos para manter a isenção. Mas, em algumas partes, não consegui evitar. Me envolvi demais. Tenho meus motivos.

Sarah

PARTE I

OS FATOS DETERMINANTES

"O silêncio dos mortos diz: Adeus.
O silêncio dos desaparecidos diz: Encontrem-me."

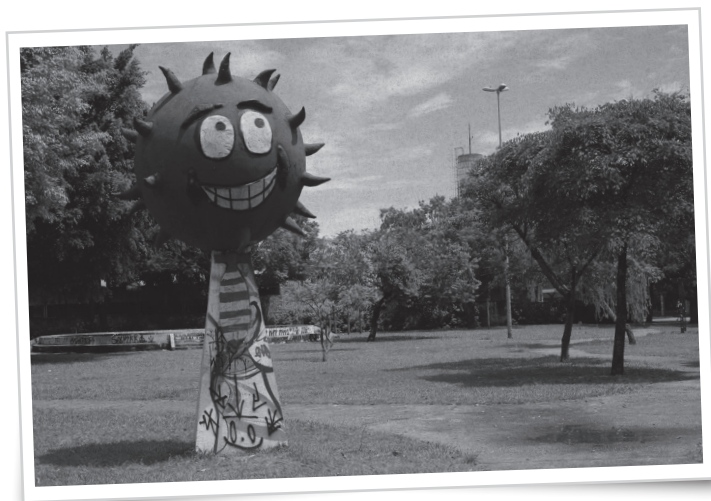
— *Gone, Baby, Gone*, Dennis Lehane

Uma cidade do interior dentro de Guarulhos: é essa a impressão que passa o bairro Parque Cecap. Projetado em 1967 e entregue inacabado em 1972, todo em arquitetura modernista, tem 12 edifícios residenciais com nomes de estados brasileiros. Aqui, moram cerca de 20 mil pessoas.



O lar de Kika: a garota nasceu no condomínio São Paulo e cresceu no bairro que virou referência em Guarulhos por integrar moradias de baixa renda a áreas verdes e equipamentos públicos, como postos de saúde, escolas e comércio. Ficou ainda mais famoso em 2012, quando Kika desapareceu e os segredos de seus moradores foram desenterrados.

A praça Mamonas Assassinas é uma das áreas preferidas dos cecapianos para o lazer. O Colégio Álvares de Azevedo organizou cinco festas juninas no local e chegou a reunir centenas de moradores. Foi numa dessas festas que Kika passou pelo vexame que marcou sua história – assim como a dos suspeitos de seu sequestro.



EMBORA

Oito pessoas desaparecem por hora no Brasil. Este livro-reportagem é sobre uma dessas pessoas.

Entre 2007 e 2016, mais de 693 mil cumpriam suas rotinas e, de uma hora para a outra, sumiram.* Esse número deve ser ainda maior, uma vez que vários casos sequer são registrados.

Só do que se tem notícia foram 24 mil no estado de São Paulo entre 2013 e 2014.** Quase metade desses desaparecidos são crianças e jovens com idades entre zero e vinte anos. No caso das mulheres, a grande maioria se vai quando a vítima tem de catorze a dezessete anos.

Experimente ir à delegacia de uma grande cidade e perguntar sobre as investigações de desaparecidos. Você provavelmente verá pilhas e pilhas de inquéritos em aberto e policiais exaustos por não terem estrutura nem efetivo suficientes para tantas ocorrências.

Algumas delas são de pessoas que fogem por conta própria e acabam reaparecendo quando bem entendem. Os motivos mais comuns são brigas, adultério, viagens e estresse. Quando voltam, vários ressurgidos

.....
* Os dados foram compilados em 2017, num estudo feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a pedido do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

** "Perfil de pessoas desaparecidas no estado de São Paulo." *Fernando Poliano, Rafael Stern, Julio Trecenti, Eliana Vendramini*, 16 de março de 2016.

sequer notificam a polícia, e resolvem dar satisfação apenas quando seus documentos são cancelados.

Mas há outra parcela expressiva que nunca mais retorna. Pode ser porque a vítima tenha sofrido algum acidente ou doença. Pode ser que tenha sido forçada a se afastar. Nesse item, se enquadram o sequestro e o assassinato. Às famílias, resta procurar, colaborar com a polícia e esperar.

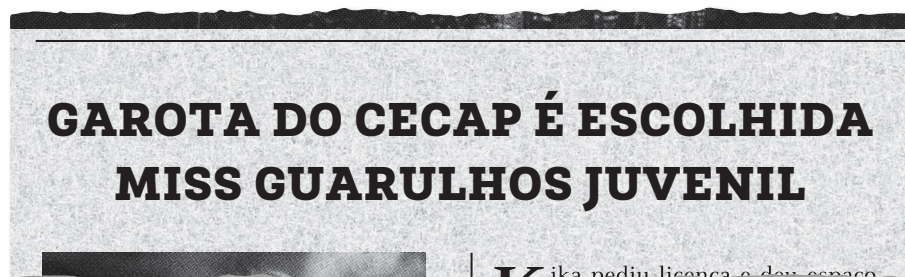
Esperar. É a tortura de qualquer parente nessa situação. Muitas vezes, esperam para sempre. Seus amados foram embora e nunca mais voltarão.

MISS

22/11/2009

Centro Cultural Adamastor

O nome de Francisca Silveira do Carmo — ou Kika, como sempre foi conhecida — viraria manchete nas páginas policiais em duas ocasiões, uma em 2010 e outra em 2012. Mas, antes disso, ela foi destaque no caderno Cotidiano do jornal *Sentinela de Guarulhos*. Matéria do dia 23 de novembro de 2009:



A premiação tinha sido na noite anterior no teatro do Centro Cultural Adamastor. Na hora de anunciar a vencedora, as cinco finalistas se abraçaram, Kika uma delas. A plateia já tinha um bom palpite. Kika era a mais bonita. Kika era a mais confiante. Não foi surpresa quando seu nome ecoou pelas caixas de som. As outras quatro garotas soltaram os braços, engoliram doído. Pareceram sofrer uma dupla derrota. Kika chorou enquanto vestia a faixa e ajeitava a coroa. Com o microfone nas mãos, disse que recebia o prêmio em nome das amigas finalistas.

Nenhuma delas quis ficar no palco para presenciar esse momento.

A vencedora dedicou o título à mãe e a Laíssa Pontes, uma garota com síndrome de Down que, embora eliminada na primeira fase, havia conquistado a simpatia dos guarulhenses por seus incessantes sorrisos e pela força de vontade. Kika convidou Laíssa para subir ao palco e vestir a faixa. Queria Laíssa nas fotos também. Deu-lhe um abraço apertado, chorou com ela em meio às risadas espontâneas. O público aplaudiu de pé.

Inês Santana, uma das organizadoras do evento, fez um sinal de positivo para Kika na lateral do palco. Inês já tinha sido Miss; sabia que tipo de gesto pegava bem.

Kika pediu licença e deu espaço para Laíssa ter seu momento de fama.

Então olhou para a plateia e encontrou alguém com o olhar. Abriu um sorriso ainda maior e piscou para essa pessoa, o sorriso de quem compartilha uma piada interna. A mãe achou que tivesse sido para ela, mas viu que estava enganada. Era para alguém que estava algumas fileiras atrás. Um rapaz, talvez? A mãe procurou, procurou, mas não conseguiu identificar o garoto sortudo naquela multidão eufórica.

Quando olhou de volta para Kika, viu que a filha tinha perdido o sorriso. Os lábios murchos não combinavam com a pose de quem acabara de ser coroado. A expressão parecia de... seria susto mesmo?

Atrás das cortinas, minutos depois, Inês aproveitou os poucos segundos sozinha com Kika para lhe dizer que a vitória era merecida e que a atitude de dar espaço a Laíssa tinha sido muito nobre.

— Agora, só presta atenção no entorno, tá? Eu já estive no seu lugar antes. Tanta coisa boa assim sempre atrai negatividade.

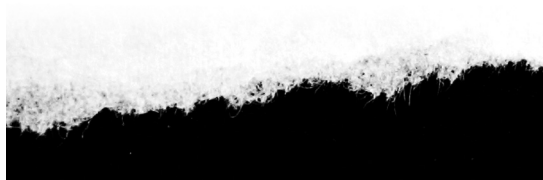
O sorriso de Kika quebrou. Ela pareceu uma garotinha.

— Mas eu não tenho culpa se as outras têm inveja. Eu lutei pela faixa.

— Eu sei. Eu não tô falando isso por causa delas. Eu tô falando por *você*, Kika. Eu tenho medo de que alguém possa te machucar.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA KUNST EM JANEIRO DE 2019